

CONSIDERAÇÕES SOBRE *O CORONEL E O LOBISOMEM*

Cleudemar Alves Fernandes¹

O Senhor...Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas...mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.

Guimarães Rosa

O romance *O Coronel e o LobisOMEM* foi apresentado à Editora Cruzeiro, num primeiro momento, em forma de crônica; não sendo publicado, seu autor, José Cândido de Carvalho, o transformou em Romance. A primeira edição saiu em 1964. Foi o livro mais lido no Brasil em 1971²; hoje, se encontra na quadragésima primeira edição. Já foi traduzido para as línguas espanhola, francesa e alemã.

O Coronel e o LobisOMEM tem como protagonista o decadente coronel Ponciano de Azeredo Furtado, que é o narrador da história. Utilizando-se de um tempo psicológico, o narrador retrata-nos suas aventuras de forma linear. Em suas lembranças, obedece à cronologia dos acontecimentos. Todos os eventos narrados são centrados no eu do protagonista/narrador, que se torna, na verdade, o centro da história.

Sendo narrado em primeira pessoa, há uma força expressiva centrada no eu do narrador. Esta expressividade é evidenciada logo no primeiro parágrafo do romance, que se inicia com a apresentação do protagonista:

¹ Professor de Língua Portuguesa e Lingüística no Departamento de Ciências da Linguagem, na Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Semiótica e Lingüística Geral pela USP.

² Cf. Suplemento Literário da Folha de São Paulo, 05-3-1972, p.03.

A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo Furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes da infância, com uns padres mestres a dez tostões por mês. Digo modéstia de lado, que já discuti e joguei no assoalho do Foro mais de um doutor formado. Mas disso não faço glória, pois sou sujeito lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada. Já morreu o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia um caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a ministrar. Só de uma regalia não abri mão nesses anos todos de pasto e vento: a de falar alto, sem freio nos dentes, sem medir consideração, seja em compartimento do governo, seja em sala de desembargador. Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual porte abro o peito:

- Seu filho de égua, que pensa que é? (p.3)

Nestas primeiras linhas do romance fica definido o perfil do coronel Ponciano. Elas demonstram, conforme nos chama a atenção Vieira³, um intervalo entre gerações. Dessa forma, Ponciano de Azevedo Furtado, pela herança material, torna-se coronel em uma época em que já não havia mais coronel.

Dos acontecimentos que vão constituir este romance, temos poucos e esporádicos eventos (fatos) concretos; na verdade, é a própria narrativa, o ato de contar a história, que preenche a obra, caracterizando-se como ações. Os fatos são discursivos e são constituídos pelo ato de narrar do personagem. Esta obra apresenta-se repleta de encontros entre os personagens, ou melhor, entre o protagonista e os demais personagens. São momentos em que, quase sempre, se estabelecem longos diálogos, através dos quais se exaltam as artimanhas do coronel Ponciano, recordam-se fatos passados, planejam-se os próximos feitos. Estes encontros são narrados por meio do discurso direto e do discurso indireto. Neles, o narrador se apresenta como um sujeito social dotado de características e valores que ele próprio se atribui. Aliás, a forma

³ VIEIRA, Célio José. *O Lobisomem do Coronel Ponciano*. São José do Rio Preto, UNESP, 1984, Dissertação de Mestrado.

que o narrador tem para se colocar como centro das atenções e como o acontecimento maior da sua narrativa é se posicionando diante de outros personagens, aos quais procura demonstrar sua posição pessoal, bem como seu *status* social, tanto no que diz respeito a seu aspecto físico como no que se refere à autoridade de cunho militar (coronel). A título de exemplo, podemos destacar:

A bem dizer, sou Ponciano de Azevedo Furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. (p. 3)

Um barbadão vermelhão como eu, aparelhado de quase dois metros, da sola da botina ao chapéu da cabeça. (p. 19)

Ficasse sabedor Juquinha Quintanilha que eu, com dois berros, botava Barbirato fora de sela, em posição de ordenança, como manda a lei militar. (p. 56)

Sujeito nascido como eu, altão, de mais de uma nuvem encalhar no meu cabelo. (p. 291).

Em suma, é o fazer narrativo, a forma como o narrador apresenta-se (a si mesmo) e aos demais personagens, bem como a forma que narra e descreve os ambientes e situações em que se encontram, que constitui o núcleo central no tocante a acontecimentos em *O Coronel e o Lobisomem*. Segundo Martins⁴ “o romancista se preocupa com a significação do personagem e não com os fatos”.

Os acontecimentos mais importantes que permeiam este romance podem ser apresentados conforme resumimos abaixo.

O primeiro episódio que encontramos se passa em um circo. Ponciano, em sua juventude, ao assistir a um espetáculo circense, por circunstâncias externas à sua vontade, se vê obrigado a desafiar um lutador do circo. Este lutador desafiava as pessoas com a oferta de um prêmio para quem o vencesse. Assim, encontramos o primeiro feito heróico de Ponciano, que não tendo como evitar o desafio, vence a luta.

Outro evento encontrado no desenrolar do romance é o caso de

⁴Cf. MARTINS, W. (1971, 4)

uma enorme onça muito perigosa. Esta onça era uma ameaça à segurança das pessoas e ainda matava muitos animais nas fazendas. Então, Ponciano organiza uma "comitiva" e sai para caçar a onça. Ao encontrá-la, todos correm, inclusive o coronel Ponciano. A onça é morta por um menino que estava caçando passarinho e não fazia parte da comitiva. No entanto, o coronel recebe a fama de tê-la matado e ainda ter salvado o menino de suas garras.

De suas aventuras heróicas, temos ainda o caso do lobisomem. Ao sair em viagem para a cidade com a finalidade de ser padrinho de formatura, o coronel encontra-se, no caminho, com um lobisomem, com quem, após tentar libertar-se de forma passiva, trava uma luta sendo obrigado a vencê-lo pelo enfrentamento físico. Nesse momento da narrativa, remetendo-nos ao título *O Coronel e o Lobisomem*, poderíamos destacar este episódio como o ápice do romance, mas isto parece não proceder, uma vez que este evento se apresenta apenas como mais uma de suas aventuras fantásticas, não constituindo, portanto, o núcleo do romance.

Enquanto fatos, podemos destacar também suas ilusões amorosas, das quais, mesmo não obtendo nenhuma correspondência, ressaltamos sua paixão por Dona Esmeraldina. Em função desta pretensão amorosa, o coronel permaneceu na cidade, onde sofreu o confronto de dois mundos: o rural, que lhe assegurava o poder de coronel, que era vinculado à posse da terra; e o espaço urbano, onde sofreu sua decadência.

Os eventos apresentados parecem surgir da imaginação do narrador. Se algum realmente aconteceu, teve uma repercussão distorcida, o que atribuiu certa heroicidade falsa ao coronel Ponciano. Dizemos falsa porque ele não se propõe a enfrentar o perigo com a galhardia de um herói, é levado a enfrentá-lo. E, além do mais, o desfecho de cada episódio não corresponde à forma como o coronel Ponciano o narra, posteriormente, a outros personagens.

Os acontecimentos aventureiros narrados não estabelecem uma continuidade temática. Um não é seqüência do outro. Entretanto, mantêm-se ligados, pois, juntos, estabelecem um perfil do coronel Ponciano de Azeredo Furtado, que é o foco central de todos os acontecimentos. Afinal a preocupação com o significado do personagem parece ser maior do que a preocupação com os fatos. Sobre este

aspecto, Coelho⁵ afirma que “o Coronel foi sempre o centro de seu mundo (...) A cada momento ele sai de si mesmo e contempla-se, admira-se como se de outro ser tratasse”.

Nesse sentido, temos um narrador-personagem principal - narrando e descrevendo fatos e idéias não ocorridos, surgidos em seu imaginário para suprir sua necessidade de se mostrar e se exaltar aos olhos das pessoas que o cercam. Para Ponciano de Azeredo Furtado a imponência é primordial; para ele é importante ser notado:

- Esse Ponciano é o tal que em dia dos antigos estuporou um valentão de circo de cavaleiros. (p. 19)

- O Coronel tem sabedoria de doutor formado. (p. 35)

- Esse barbado é o tal Ponciano que fez da onça burro de sela. (p. 63)

Dadá Mesquita, dona de casa - de - porta - aberta, sempre dizia:

- Ponciano é de serviço completo... (p. 71)

Como muito bem disse Juju Bezerra, eu fazia gato - sapato do povinho de saia. (p. 159)

Nova remessa de fama varreu a pastaria - e eu na garupa. O Sobradinho, digo sem soberba, que desse pecado não sou contraído, foi assoalho pouco para tanta admiração junta. Ninguém tinha outra fala que não a lição do coronel em cima do lobisomem. (p. 182)

Contudo, “a personalidade do Coronel Ponciano é sobre o vago. Vai dizendo, não mostrando. Diz que adora mulher, mas quase nunca entra em ação e é a ação que faz o personagem. Diz-se muito do corajoso e (...) desvia o perigo com temor igual ao de qualquer um⁶”.

Conforme mencionamos anteriormente, este romance toma dois ambientes como palco para os acontecimentos: o rural, de onde origina

⁵ Cf. COELHO, N.N. (1996, 343)

⁶ Cf. HERCKER FILHO, P. (1971, 1)

seu protagonista, e o urbano, para onde ele se desloca.

Tendo um "coronel" como protagonista, esta obra representa, do ponto de vista histórico, um momento de transição da sociedade brasileira. O narrador apresenta-nos o drama de um coronel advindo do desaparecimento de sua função política e social. Nesse sentido, o próprio José Cândido de Carvalho assim define o protagonista de seu romance: "... um coronel da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, mentiroso de carreira, fora de tempo, mas que caracteriza um certo tipo de homem rural brasileiro"⁷, originário de uma família tradicional de Campos dos Goitacazes (cidade interiorana do Rio de Janeiro). Um fazendeiro que mudou para a cidade e perdeu sua propriedade rural, atuando no comércio de açúcar.

A socióloga Maria Auxiliadora Ferraz de Sá, em sua Dissertação de Mestrado⁸, demonstra que o coronelismo, bem como a estrutura social que lhe assegura o poder, está ligado à propriedade da terra. Os primeiros coronéis receberam esse título por serem grandes latifundiários, dos quais dependiam o povoamento e a colonização da região. A autonomia dos coronéis era assegurada pelo poder de tomar decisões a nível local. Os herdeiros das suas terras herdavam também a patente de coronel.

Neste contexto, encontramos o coronel Ponciano de Azevedo Furtado, herdeiro de seu avô Simeão. Entretanto, encontramos-lo em um contexto em que há uma mistura de elementos novos com elementos antigos. Assim, permanece sua origem rural, mas ao encontrar-se na cidade, vê-se diante de elementos modernos relacionados às formas de produção, o que acarreta contradições no que se situa o sistema do coronelismo, pois o coronelismo é de natureza rural e subsiste na comunidade sertaneja.

No tocante à linguagem utilizada, ressaltamos que se trata de uma obra de arte, mas está inserida em um determinado momento histórico - social, conforme consideramos anteriormente. Podemos afirmar que é uma obra literária construída com base em uma linguagem falada por pessoas da zona rural com características peculiares que constitui uma forma divergente da língua padrão, ao que Rodrigues⁹ chama

⁷ Cf. Suplemento Literário Folha de São Paulo, 05-03-1972 (p. 3)

⁸ SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. *Dos Velhos aos Novos Coronéis*. Recife, PIMES, 1974.

⁹ Cf. RODRIGUES, A.N. (1974, 38)

de *dialeto caipira*.

A partir mesmo de uma primeira leitura da obra, percebe-se que sobre as palavras simples o narrador cria novos vocábulos pela composição ou derivação. A este respeito, encontramos no prefácio deste romance, o seguinte comentário tecido por Rachel de Queiroz¹⁰: “Vira e revira a língua, arrevesa as palavras, bota-lhes rabo e chifres de sufixos e prefixos, todos funcionando para uma complementação especial de sentido, sendo, porém, que nenhum provém de fonte erudita, ou não falada”, conforme podemos exemplificar:

Meus dias de sossego findaram quando fui pegado em delito de sem-vergonhismo em campo de pitangueiras. A pardavasquinha dessa intimidade de mato ganhou dúzia e meia de bolos e eu recriminação de fazer um frade de pedra verter lágrima. (p. 4)

“A primeira palavra em destaque é formada pelo processo de composição (preposição + substantivo) e pela derivação sufixal. Ao acrescentar o sufixo ‘ismo’ ao substantivo ‘vergonha’, resulta em uma palavra que designa o modo de proceder ou pensar. Esta nova palavra apresenta o aspecto de continuidade, indica, pois, uma ação comumente praticada. ‘Pardavasquinha’, também formada por derivação é utilizada na região centro do Brasil, e refere-se a uma pessoa amulatada, ‘entre o negro e o mulato’¹¹. A última expressão ‘intimidade de mato’ refere-se à relação sexual propriamente dita e apresenta caráter conotativo que está diretamente ligado ao contexto rural¹².

Entre os recursos lingüísticos utilizados pelo narrador, podemos destacar ainda:

a) o emprego de metáforas:

Lá uma tarde mais ventosa, mandei chamar Juquinha Quintanilha, (...) que ele vasculhasse os ermos e desentocasse, em casa de família, moça aparelhada de todos os comprovantes, capaz de tomar estado comigo. (p. 65)

¹⁰ Cf. QUEIROZ, R. (1985, XIV)

¹¹ Cf. ORTÊNCIO, B. (1983, 321)

¹² Este exemplo foi retirado de um estudo já realizado por nós: Fernandes (1996, 3)

A expressão metafórica em destaque designa o hímen. No contexto em que encontramos o coronel Ponciano, o hímen é, na mulher solteira, símbolo de honestidade, e vemo-lo designado por expressão de forte carga semântica.

b) o emprego de perífrases (que consiste em exprimir por mais de uma palavra uma idéia que se contém em um só termo):

De fato, nessa noite, jantei em casa de moças desencaminhadas, num chalezinho escondido em chácara do Beco das Corujas. (p. 191)

O destaque no fragmento acima é uma perífrase que, de forma conotativa, se refere a um prostíbulo. No romance, há variadas denominações para designar prostíbulos, quase todas perifrásticas.

c) recorrência à linguagem arcaica, fazendo reviver palavras mortas para a vida corrente, dando-lhes novos sentidos. Como exemplo, podemos destacar os vocábulos *teúda* e *manteúda*, freqüentemente encontrados neste romance. O emprego destes vocábulos é uma reutilização das formas verbais no particípio *tida* e *mantida*, designam, nesta obra, mulheres que mantêm relacionamento sexual socialmente inaceitável.

Com estas exemplificações, ilustramos alguns dos aspectos lingüísticos encontrados em *O Coronel e o Lobisomem*, mas ressaltamos que há um predomínio da presença de palavras originárias da linguagem popular.

Enfim, temos diversos modos de formação de palavras, em que a língua utilizada é proveniente da língua do povo, isto é, do meio no qual ela vive. O que podemos chamar de uma "Linguagem regional estilizada..."¹³. Muitos dos vocábulos criados pelo processo de derivação resultam em neologismos, como exemplo, podemos citar: *educativismo, mulherista, sem - vergonhismo, etc*¹⁴.

Melo¹⁵, ao discorrer sobre a linguagem utilizada em *O Coronel e o*

¹³ Cf. *Dicionário Crítico do Moderno Romance Brasileiro. Grupo Gente Nova. (142)*

¹⁴ As pesquisadoras Prof^{as}. Dr^{as}. Betina R. da Cunha Silva e Fernanda Aquino Sylvestre estão desenvolvendo uma pesquisa, financiada pela FAPEMIG, que visa abarcar o conjunto de neologismos existentes na obra de J.C. de Carvalho.

¹⁵ MELO, V.G. (1971, 3)

Lobisomem, considera-a “como se inúmeras possibilidades novas de linguagem tivessem sido descobertas”.

Outro aspecto importante a ser destacado é a poeticidade encontrada em muitos fragmentos do romance, conforme podemos ilustrar:

O luar caía a pino do alto do céu. Em pata de nuvem, mais por cima dos arvoredos do que um passarinho, comecei a galopar.(...) Do lado do mar vinha vindo um canto de boniteza nunca ouvido. Devia ser o canto da madrugada que subia.
(p. 304)

O autor utiliza-se de uma liberdade léxica que “manifesta-se como necessidade expressiva e não como simples invenção gratuita e pitoresca, contraplacada na narrativa” e essa “liberdade léxica faz parte de um ‘sistema estilístico’ que lhe atribui perspectiva e significado¹⁶”. “A linguagem de Ponciano é o próprio Ponciano¹⁷.”

Bibliografia

- CARVALHO, José Cândido de. *O Coronel e o Lobisomem*. 35 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.
- _____. “Os Centauros Estão Chegando: acabou o tempo da flor”. In: O Estado de São Paulo, 10-01-1982. Suplemento Literário, p. 2.
- COELHO, Nely Novaes. “O Coronel e o Lobisomem” In: *O Ensino da Literatura, São Paulo*, Ed. F.T.D. S/A, 1966, p. 339-351
- DACANAL, José Hildebrando. *Nova Narrativa Épica no Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. “A Linguagem da Prostituição em O Coronel e o Lobisomem”. In: Revista Letras & Letras. V. 13, nº 1, Universidade Federal de Uberlândia - MG, 1996 (no prelo).
- FILHO, Paulo Hecker. “O Coronel sem Lobisomem”. In: O Estado de São Paulo, 14-03-1971. Suplemento Literário, p. 1
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- MARTINS, Wilson. “O Personagem Quixotesco”. In: O Estado de São Paulo. 06-06-1971, Suplemento Literário, p. 4.

¹⁶ Cf. MARTINS, W. (op cit., 4)

¹⁷ Cf. Proença Apud MARTINS (op. cit., 4)

- MELO, Virgínius da Gama. "O Coronel e o Lobisomem". In: O Estado de São Paulo. 23-05-1971. Suplemento Literário. P.3.
- MIYAZAKI, Tiekô Yamaguchi & MARINEZ, Julieta Haidar de. "O Romance de José Cândido de Carvalho". In: Revista de Letras. V.17, Assis, 1975, p. 39-61.
- ORTÊNCIO, Bariani. *Dicionário do Brasil Central*. São Paulo, Ática, 1983.
- QUEIRÓS, Rachel de. "É o Gênio da Língua que Baixou". In: CARVALHO, José Cândido. *O Coronel e o Lobisomem*. 35 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.
- RODRIGUES, Ada Natal. *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*. São Paulo, Ática, 1974.
- SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. *Dos Velhos aos Novos Coronéis*. Recife, PIMES, 1974.
- SCHMITZ, John Robert. "Referências à Natureza do Romance O Coronel e o Lobisomem de José Cândido de Carvalho". In: VIII Anais de Seminários do GEL. Assis, 1984. P. 251-259.
- Separata*. "CARVALHO, José Cândido de. *O Coronel e o Lobisomem*". In: Boletim Cultural de Lisboa. Lisboa. nº 2/3, maio 1981.
- VIEIRA, Célio José. *O Lobisomem do Coronel Ponciano*. São José do Rio Preto, UNESP, 1984, Dissertação de Mestrado.